

"Soares avisa que os próximos anos serão de «ingente esforço colectivo»" in Diário Popular (12 Junho 1985)

Caption: A 12 de Junho de 1985, dia da assinatura em Lisboa do Tratado de Adesão de Portugal às Comunidades Europeias, o jornal lisboeta Diário Popular reproduz alguns excertos do discurso pronunciado para essa ocasião por Mário Soares, primeiro-ministro português, que insiste nomeadamente sobre o esforço de modernização que a população terá de fornecer nos próximos anos.

Source: Hemeroteca Municipal de Lisboa, Lisboa, R. São Pedro de Alcântara, n°3 - 1250-237 Lisboa (Portugal).
Diário Popular. 12.06.1985, n° 14714 - Ano 43. Lisbonne.

Copyright: (c) Diário Popular

URL:

[http://www.cvce.eu/obj/"soares_avisa_que_os_proximos_anos_serao_de_ingente_esforco_colectivo_"_in_diario_popular_12_junho_1985-pt-1d51374d-6fcb-42c9-a2b0-dc5f14fa6761.html](http://www.cvce.eu/obj/)

Publication date: 19/09/2012

Soares avisa que os próximos anos serão de «ingente esforço colectivo»

Os próximos anos vão ser de ingente esforço colectivo» — disse esta manhã Mário Soares, ao discursar após a assinatura do tratado de adesão do nosso país à Comunidade Económica Europeia. Um discurso que se pode traduzir pela ausência de triunfalismo (ainda que seja evidente a satisfação pela consumação de um acto que levou mais de oito anos a preparar) e pelos constantes alertas à necessidade de «trabalhar a sério», para que seja possível tirar todo o rendimento dos novos horizontes que se abrem ao nosso país. Considerando a entrada na CEE como «um dos momentos mais significativos da história contemporânea portuguesa», o primeiro-ministro apontou as jovens gerações como as grandes destinatárias e beneficiárias do passo hoje dado pelo nosso país, pois é a elas que se abrem exaltantes perspectivas de realização pessoal e de progresso», cabendo-lhes «mobilizar-se para a grande tarefa nacional do desenvolvimento e da modernização, para forma a que Portugal venha a ser não só terra de liberdade, de convivência cívica e de tolerância, mas também um espaço de prosperidade, de desenvolvimento científico e tecnológico e de justiça social».

Ao realizar nos Jerónimos a cerimónia de adesão à CEE, o primeiro-ministro quis significar — disse-o no início do seu discurso — que aquele monumento exprime bem o génio português e constitui uma referência insubstituível da sua história multissecular. Daqui partiremos pois, fechado o ciclo imperial, definitivamente, para uma nova arrancada que reinserirá Portugal no contexto da unidade europeia, participando de pleno direito do seu dinamismo e progresso.

E a seguir:

«Quero acreditar que o acto a que acabam de assistir pode sem exagero considerar-se como um dos momentos mais significativos da história contemporânea portuguesa, constituindo ao mesmo tempo para a Europa das Comunidades um passo decisivo de confiança em si própria, de alargamento das suas potencialidades e também de abertura em relação ao exterior.»

Uma opção que exige muito dos portugueses

Disse depois o primeiro-ministro:

«Para Portugal, a adesão à CEE representa uma opção fundamental por um futuro de progresso e de modernidade. Mas não se pense que seja uma opção de facilidade. Exige muito dos portugueses, embora lhes abra, simultaneamente, largas perspectivas de desenvolvimento. Por outro lado, constitui a consequência natural do processo de democratização da sociedade portuguesa iniciado com a «revolução dos cravos» em 25 de Abril de 1974.(...)»

A tarefa primordial que nos ocupará, a partir de agora, será a de reduzirmos cada vez mais a distância que ainda nos separa dos países desenvolvidos da Europa, criando para os portugueses padrões de vida e de bem-estar verdadeiramente europeus. Para tanto, não há outro caminho, precisamos de persistir na via que temos trilhado nos últimos dois anos: praticar uma política financeira de rigor e de verdade, lutar pela estabilidade política como elemento essencial de recuperação económica e de modernização e aprofundar as instituições democráticas, designadamente a prática da solidariedade nacional, da concertação social e do diálogo.

Noutro passo:

«A palavra será, agora, conferida às jovens gerações, a quem se abrem exaltantes perspectivas de realização pessoal e de progresso. Principais beneficiários da integração europeia, os jovens terão agora de saber mobilizar-se para a grande tarefa nacional do desenvolvimento e da modernização, por forma a que Portugal venha a ser não só terra de liberdade, de convivência cívica e de tolerância mas também um espaço de prosperidade, de desenvolvimento científico e tecnológico e de justiça social.»

Recordando ter sido ele quem há oito anos solicitou à Comunidade a adesão de Portugal, Mário Soares recordou outras personalidades que igualmente intervieram no processo, nomeadamente os desaparecidos Sá

Carneiro, Amaro da Costa e Mota Pinto, bem como salientou o papel de Ramalho Eanes que, «como Presidente da República, e ao longo de dois mandatos, sempre se manteve fiel ao grande projecto nacional de integração europeia».

O primeiro-ministro recordou igualmente os esforços realizados durante as conversações com a CEE e elogiou o papel dos negociadores portugueses (nomeadamente os de Ernâni Lopes, Jaime Gama e António Marta). Depois, criticou «os Velhos do Restelo» que permanecem envoltos «no mesmo negativismo sistemático perante o que é novo, aventura e espírito de risco».

Já não estamos isolados

Mário Soares falou, de seguida, para «o povo trabalhador», afirmando:

«Nas mãos dos agricultores, dos operários, dos cientistas, dos homens de cultura, dos empresários, dos quadros, dos intelectuais, dos técnicos, dos artistas e, sobretudo, dos jovens, de todos os portugueses em suma, mulheres e homens, está o futuro de Portugal, para cuja construção não faltarão, a partir de agora, os estímulos e as ajudas necessárias. Não estamos mais isolados. A solidariedade europeia não nos faltará.»

Novo alerta:

«Os próximos anos vão ser de ingente esforço colectivo — não nos iludamos — por forma a assegurar em boas condições a inserção de Portugal no espaço comunitário. Necessitamos de tranquilidade política e de paz social para poder trabalhar a sério e tirar todo o rendimento do trabalho realizado.

«Não poderemos dar-nos ao luxo de nos dividirmos por questões acessórias. Teremos de nos saber concentrar no essencial, de não dispensar esforços em acções contraditórias nem ignorar os valores e os homens de prestígio que efectivamente temos.

«Todos seremos necessários. Mas para dar rendibilidade e eficácia a um esforço necessariamente colectivo teremos de saber manter a estabilidade e a segurança, valores insubstituíveis da vida democrática. Teremos íntimos contactos, a todos os níveis, com a Europa dos Doze. A experiência representa aí um trunfo de um valor que não é legítimo desconhecer.

«Portugal, contudo, não vai só receber com a integração europeia. Vai também dar muito de si. Vai contribuir com a sua velha cultura e o génio do seu povo para a construção europeia, a que aliás os nossos emigrantes na Europa se encontram associados por forma inapagável há longos anos: Europa da qual, a partir de agora, virão a ser cidadãos de pleno direito.»

Mário Soares terminou a sua intervenção saudando os Dez e também a Espanha, «país irmão» que «connosco inicia uma nova e decisiva fase da sua tão longa riquíssima história», salientando que neste passo comum se abre aos dois países uma nova fase de cooperação alargada, «baseada no respeito mútuo.»